

Entre Corpos Suados e Excitados: considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo¹

Wagner Xavier de Camargo^a

O trabalho de campo é um componente fundamental da produção de conhecimento antropológico. Em que pese os ‘imponderáveis da vida social’ fazerem parte desse processo, práticas sexuais no/do universo investigado e mesmo as sexualidades de pesquisadores/as permanecem como tabus. Assim, este artigo tem duplo intento: em primeiro lugar, pretendo resgatar experiências etnográficas junto aos *Gay e Out Games* – competições LGBT (isto é, jogos esportivos entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), vivenciadas por mim em distintos momentos e lugares, de 2009 a 2011 –, com o propósito de sublinhar relações intersubjetivas com atletas homossexuais e discutir o envolvimento homoafetivo/sexual entre pesquisador-pesquisados. A partir do disso, a segunda parte pretende tecer considerações teóricas mais circunscritas sobre a sexualidade de pesquisadores/as em campo durante experiências etnográficas, com vistas a demarcar uma discussão pouco enfatizada na pesquisa antropológica.

Sexo/sexualidade no campo; Relações intersubjetivas; Pesquisa antropológica; Autoridade antropológica; Esporte LGBT.

E, de repente, no meio dos nadadores à beira da piscina, sou literalmente atacado pelo técnico francês com um beijo na boca. *Tu es un très beau garçon!*, ele diz [...].

Registro de campo no *II World Outgames*, Copenhague, 02/08/2009.

O pequeno trecho que abre esta introdução é de meus registros no diário de campo e funciona como um divisor de águas em minhas

^a Pesquisador-júnior e bolsista da FAPESP, junto ao Departamento de Ciências Sociais (UFSCar). Email: wxcamargo@gmail.com.

experiências etnográficas. A pesquisa com sujeitos auto-identificados homossexuais praticantes de esportes, base de meu doutorado (Camargo 2012), no entrelaçamento de temáticas que abarcaram das múltiplas sexualidades às práticas de sexo nas arenas esportivas, mudou minha visão de mundo sobre as relações humanas e radicalizou o que até então tomava tradicionalmente como ‘metodologia de trabalho científico’.

A partir desta pesquisa, portanto, tento pensar na relevância das evidências etnográficas de relações sexuais em meio à investigação social. Até então para mim como etnógrafo, os cânones antropológicos que ditavam os procedimentos éticos do contato com informantes e entrevistados eram os clássicos (e assépticos) contatos pesquisador-pesquisados, baseados nos silêncios sobre questões mais íntimas.² Lembro-me de que, inúmeras vezes, sentia-me constrangido e mesmo percebia meu coração palpitando freneticamente quando algum assunto relativo a sexo ou à sexualidade emergia de uma simples conversa inicial com interlocutores. Por mais que já tivesse lido sobre as aventuras informais (e sexuais) de antropólogos³, não tinha ainda experienciado algo como o que se passou.

Interessante resgatar, inclusive, meu próprio preconceito sedimentado no tocante aos padrões estéticos e corpóreos normativos. Durante toda minha etnografia de longa duração com pessoas deficientes visuais em arenas esportivas – fonte de minha dissertação de mestrado (Camargo 2000) – nunca imaginei um possível envolvimento sexual com elas. E as condições da realidade contribuíram para que meu preconceito também se mantivesse intacto, visto que em todos os anos de trabalho com tal população, vez alguma me deparei com alguém que encarnasse uma sexualidade distinta da heteronormativa.

A partir daquela abordagem do técnico francês à beira da piscina, relatada no introito deste texto, me dei conta de que meu corpo exercia certa atração física nos indivíduos com os quais lidava. E esse campeonato mundial de 2009 é particularmente revelador, pois foi a primeira vez que fui a campo como pesquisador, não só tendo tal

condição anunciada em trajes formais em ambientes esportivos de informalidade de vestimentas, como pronunciava sempre o ‘mantra antropológico’ da apresentação da pesquisa e do esclarecimento consentido. Para conhecer ‘de perto e de dentro’ (Magnani 2002) as estruturas esportivas das competições LGBT e fundar minhas hipóteses de trabalho, havia participado como atleta dos VII Gay Games-2006, em Chicago, Estados Unidos. Naquele momento, mais atleta do que antropólogo, era mais um corpo entre muitos e praticamente passei despercebido, ou seja, não tinha vislumbrado o que meu corpo-pesquisador poderia causar nos entrevistados, o que veio à tona apenas três anos depois, no *II World Outgames*, em Copenhague, em 2009, quando numa metáfora antropológica, fui quase sexualmente ‘canibalizado’ pelos nativos.

A partir desse *insight* de pesquisa, transformei meu corpo em um instrumento de coleta de dados, numa perspectiva de sentimentos e percepções.⁴ Consciente de tal escolha, deixei que vivências e experiências nas competições esportivas fizessem parte das trocas reais e simbólicas entre corpos, numa possível ‘antropologia das sensações’ ou ainda sob o prisma de uma ‘etnografia reflexiva’, pouco importa o termo que se dê. O que penso ser fundamental é tentar lançar o desafio de pensar se o conhecimento, a partir da experiência vivida, pode contribuir metodologicamente com a teoria social contemporânea.

Este texto, assim, tem por finalidade, primeiramente, resgatar minhas experiências etnográficas junto aos *Gay* e *Out Games* – nomes de fantasia que recebem as competições esportivas LGBT (jogos entre lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transgêneros) – e as relações intersubjetivas com alguns atletas, discutindo o envolvimento homoafetivo/sexual com tais personagens (atores sociais nas arenas esportivas). Num segundo momento, proponho-me buscar considerações teóricas mais pontuais sobre a sexualidade de pesquisadores/as em campo, com vistas a demarcar uma discussão pouco elaborada na pesquisa antropológica.

Em meio à etnografia, sexualidades à flor da pele:

Aguardando o reinício das provas de atletismo após o almoço, num dia estranhamente quente e úmido das frias terras canadenses, sento-me à sombra de uma caixa de energia, à beira da pista de atletismo. Tal local estava um pouco afastado, próximo às casinhas de banheiros, instaladas provisória (mas eficazmente) nos arredores da pista. Ouço um barulho surdo vindo do banheiro masculino, distante de mim uns 60 metros. Pareciam chutes ou pancadas em divisórias de madeiras. Ao adentrar o recinto, flagro dois atletas fazendo sexo no canto em 'L' dos mictórios masculinos. Bem, pensei a la Goffmann, finalmente achei '*where the action is*' (Diário de campo, 27 jul. 2011).

Durante o doutorado realizei trabalho de campo em três ocasiões específicas, todas elas fora do país. Por serem os Jogos LGBT expressões esportivas globais (e por estar pesquisando o aspecto esporte-competição) necessitei inscrever-me tais eventos para obter autorização para frequentar locais e instalações. Assim, estive, entre julho e agosto de 2009, em Copenhague/Dinamarca para os *II World Outgames*; entre julho e agosto de 2010, em Colônia/Alemanha para os *VIII Gay Games*; e entre fins de julho e início de agosto de 2011, em Vancouver/Canadá para os *II North American Outgames*.

Dessa forma, realizei uma etnografia *multi-sited* (ou multissituada), traçada na justaposição de lugares, onde o antropólogo-pesquisador se faz presente por meio de uma lógica conectora de tais espaços, o que define, assim, o empreendimento etnográfico (Marcus 1995). O conhecimento etnográfico, dessa forma, desloca-se de uma perspectiva monossituada, baseada em macro construções de uma dada ordem social no sistema capitalista, para os múltiplos espaços de observação e participação, que dialogam com enfoques locais/globais, e que trabalham em perspectiva paradoxal, os modos de vida do sujeito e aqueles prescritos pelo sistema global.

Participando daqueles eventos pude desenvolver diferentes tipos de vínculos. Uma parte dos entrevistados e principais informantes – ao contrário do que apregoam conselhos éticos de conduta em

pesquisa qualitativa – transformaram-se em amigos. Alguns deles se tornaram ‘casos afetivos acidentais’ e são importantes aqui para que eu problematize questões relativas ao sexo/às sexualidades em campo. Então, de um universo de 180 atletas encontrados em pistas, quadras, gramados, ginásios, vestiários, tatames, festas e por meio de indicações de amigos, conhecidos ou amigos de amigos, acabei conversando mais sistematicamente com aproximadamente vinte deles. Desses, fiz entrevistas sistemáticas com treze e acompanhei o cotidiano de seis. Aqueles com quem mantive contatos mais íntimos são apenas quatro: um nadador alemão, ‘branco’, de 35 anos; um tenista inglês, ‘branco’, de 42 anos; um mesatenista também alemão e ‘branco’, de 30 anos e, por fim, um australiano ‘branco’, de 28 anos, multiatleta de *snowboard*, *skate*, tênis de mesa e hóquei no gelo.⁵ Encontrei os dois primeiros em Copenhagen/2009, e os dois outros em Colônia, em 2010. De todos, acompanhei o australiano por mais tempo, inclusive em momentos de suas passagens pela Europa, quando participava de amistosos ou tirava alguma semana de folga na temporada 2010.⁶

O nadador alemão é berlinense e nos conhecemos nas finais da natação dos *Out Games*. Com o findar dos Jogos, na semana seguinte nos encontramos em Berlim, onde eu também residia. A partir dos primeiros contatos, ele me apresentou um universo bastante distinto, para não dizer ‘excêntrico’ aos meus gostos. Por trás de sua cândida aparência e de todas as suas gentilezas, tinha alguém bastante fascinado pelo ‘fetiche do açougueiro’, segundo suas designações. Nossos contatos duraram até o dia em que, na sua casa, sugeriu-me vestir uma máscara inteiriça de borracha lustrosa, na cor preta, branca e vermelha, com apenas um buraco pequeno na boca (para a respiração), sem vazão nos olhos (no lugar havia desenhos de duas cruces) e com um tubo estriado e estreito saindo do local das narinas, cuja extremidade oposta tinha uma pera de borracha (similar às do esfigmomanômetro ou aparelho de pressão), que daria o poder a ele de controlar minha respiração – e, por extensão, a decisão sobre (minhas) vida e morte. Com minha recusa terminal a prosseguir nosso contato, houve uma

quebra do pacto ainda frágil entre nós e o afastamento foi inevitável. Dias depois, passado o susto, fui procurar inteirar-me daquela que seria – se houvesse permitido – minha masmorra (sexual).

A chamada *cultura do açougueiro*, uma mescla de sadomasoquismo com fantasias e apetrechos de açougue, mistura também práticas de amordaçamento, dominação/submissão, materiais sintéticos de borracha em cores bem marcantes. Investigando mais sobre esse fetiche, descobri em Berlim uma loja especializada nominada Butcherei Lindiger, localizada no bairro Schöneberg, ainda um tradicional gueto *gay* dentro capital germânica. Lá encontrei tudo sobre a *estética butcher*, de aventais a correntes, botinas de borracha, máscaras de inúmeros tipos, macacões emborrachados, suspensórios e afins. A semelhança do que fora identificado por Maria Filomena Gregori (2004) nos *sex shops* de São Francisco (EUA), posso dizer que esta boutique alemã explora um público não heterossexual e suas ‘novas alternativas de desejo entre homens’. Segundo esta autora,

“[...] esse modelo tem como pressuposto a noção de que a pornografia implica a contestação de modos habituais e sancionados de sexualidade e, mais importante, um modelo no qual a diferença sexual está baseada na incomensurabilidade e complementariedade entre, de um lado, o corpo que deseja e, de outro, o corpo que vai se constituído como objeto do desejo” (Gregori 2004:243).

Com o tenista inglês, por sua vez, a história foi diferente, pois nossos encontros eram esbarrões e nossas conversas aconteciam em curtos espaços de tempo, quando nos cruzávamos nas instalações esportivas, ainda também no evento na Dinamarca. Os contatos posteriores por *email* me possibilitaram discutir várias questões sobre sua vida pessoal e esportiva, que na superfície de nossos primeiros encontros não pude. Ele é executivo, bem sucedido, morava à época em Manchester e vivia sozinho. Visitou-me, certa vez, em Berlim (onde eu realizava estágio doutoral sanduíche) e ressaltou que, apesar das “pequenas distâncias aéreas que ligam cidades como Londres e Berlim”, não conseguiria viver fora de seu país natal.

Mas, tal tenista inglês procurava um ‘parceiro de tênis’, de acordo com o que me disse. Demorei a entender que, em todas as vezes que me dizia isso, fazia referência a um ‘parceiro de vida’ e não apenas de prática esportiva. Romântico, tem esperanças de encontrar ‘o par ideal’. Tanto no tênis quanto na vida. Como menciona,

[...] é tudo uma questão de junção. Se der certo, é para a vida toda. Se não, não dura semanas. Um parceiro (*fellow*) fica do teu lado quando vêm os problemas, rebata as bolas da tristeza e do pessimismo, te ajuda quando você cai, e entra e sai contigo do jogo. Se um joga sozinho, o outro fica olhando. Não existe fim de jogo (*game over*) [...] e se existe é para os dois! (Entrevista, 30 jul. 2009).

O trecho anterior de uma de nossas conversas mereceu destaque pela construção argumentativa na metáfora do jogo de tênis como um ‘jogo de relacionamento’, dos ‘parceiros da dupla’ com os da vida, no rebater das ‘bolas da tristeza e do pessimismo’ conjuntamente e no fato de que se houver ‘fim de jogo’, esse é para os dois. Ler o esporte (no caso o tênis de dupla) como metáfora da vida homoafetiva a dois foi algo que me surpreendeu em nossos contatos.

De uma informação pedida em meio a uma horda de espectadores que adentravam ao complexo esportivo *Rheinenergie*, onde estavam o estádio e a pista de atletismo da Cerimônia de Abertura, em Colônia, conheci o mesatenista de uma pequena cidade da porção sudoeste do país, do estado de Baden-Württemberg. Psicólogo, bem vestido e de personalidade introvertida, conforme pude notar, disse-me mais tarde que quando trocou as primeiras palavras comigo “sentiu-se à vontade e percebi a chance de conhecer alguém legal”. (Diário de campo, 06 ago. 2010). Até aí estávamos nos primeiros minutos de conversa em meio à multidão, num comunicar-se sobre direções e locais, dentro do estádio da abertura da competição. Eu, procurando a concentração dos atletas para o desfile de abertura do evento e ele, buscando um amigo ainda não encontrado, residente na cidade.

Ele representou sua cidade na disputa do tênis de mesa. Foi sua primeira participação e em nossas conversas sempre colocava

o incômodo de ter encontrado “[...] muitos japoneses e chineses competindo, o que aumenta muito a concorrência da modalidade”. Quando a competição de tênis de mesa terminou, a reclamação maior a mim foi “[...] voltar para casa sem medalha”. (Diário de campo, 08 ago. 2010). Em geral, as maiores reclamações dos atletas participantes dessas competições são as concorrências com atletas heterossexuais e com atletas aposentados de alguns esportes – principalmente os que envolvem disputa acirrada por medalhas, como atletismo, natação, tênis de mesa, judô e badminton.

Ruivo, de olhos azuis, pele sardenta e olhos grandes, este mesatenista possuía um dos discursos mais intelectuais – e em certo sentido, hermético, pois era proferido em alemão – de todos os entrevistados, o que me fez inúmeras vezes pedir para que ‘decodificasse’ em estruturas gramaticais mais simples, para que a conversação fluísse. Bem resolvido em sua sexualidade, vê as competições esportivas *gays* como possibilidade de ‘acesso a outros parceiros’, o que definitivamente a sua pequena cidade não possibilita.

Em um dos bares esportivos de Colônia, onde se joga tênis de mesa e sinuca recreativos, foi onde conheci o australiano. Ele estava com amigos e bebiam a eliminação de seu time no hóquei no gelo, dos *Gay Games VIII*. Atleta patrocinado de *snowboard*, curte *hóquei* e *skate* desde pequeno.⁷ De família abastada, bem vestido, sempre teve dinheiro para viajar, segundo me disse, e o que lhe dá muito prazer. Escolheu a modalidade *snowboard* para se dedicar em termos profissionais e treina, costumeiramente, na Europa. ‘Aqui’, destacou referindo-se ao Velho Continente,

[...] encontro as melhores condições para treinar e competir, tanto devido às necessidades do *snowboard*, quanto para participar de eventos esportivos com calendários permanentes. Fico sempre entre Itália, França e Alemanha. (Entrevista, 03/08/2010).

No bar onde estávamos, uma mesa ficava situada no centro de um salão principal e algumas pessoas se alternam ao seu redor debatendo, cada uma a sua vez, a bolinha. É uma espécie de *ping-pong* coletivo,

por assim dizer. Segundo ele é “mais diversão do que treinamento” e serve para se preparar ‘contra’ o irmão, com quem treina. Esse é deficiente físico de membros inferiores e atleta paraolímpico. Eu me alternava nesse bolo de pessoas e, de repente, flagramo-nos rindo um para o outro.

De todos os colaboradores da pesquisa, esse australiano era o mais ativo do ponto de vista esportivo. Além de ser vinculado à federação de *snowboard*, praticava tênis de mesa nas horas vagas e participava de um grupo de skatistas *gays*. Sobre o fenômeno recente da prática do *skate* entre jovens *gays*, expressa um autor alemão:

“A atrativa relação entre juventude e esporte também encontra um lugar entre os homens *gays* e os influencia sobremaneira. O ‘Skateboy’ (ou a autodenominação clichê dos *skaters*) têm lugar certo no entretenimento erótico homossexual, através de inúmeras páginas pessoais e *webcams online* na *internet*, ou ainda por meio de perfis” (Trotsdorf 2005:07).⁸

Sua prática de *skate* é realizada por prazer, o que às vezes, lhe custa caro, pois ao se machucar, fica fora das competições de *snowboard*. Por isso, disse-me que “[...] praticar *skate* tem que ser como fazer sexo, tudo controlado; pois o excesso de um, prejudica o outro”. Para seu primeiro *Gay Games* em 2010, a equipe de hóquei no gelo montada foi uma ‘brincadeira’ que os amigos decidiram propor, já que nem *skate*, nem *snowboard* são modalidades realizadas nestas competições LGBT.

No entanto, contou-me rindo que foram eliminados na primeira rodada de classificação, visto que não houve chances contra os norteamericanos (canadenses e americanos), que dominam as disputas do *hockey on ice* desde o início dos *Gay Games*. Ao menos no Canadá, onde é largamente praticada, tal modalidade adquire *status* de esporte nacional e tem uma aderência à cultura masculina similarmente ao que ocorre com o futebol no Brasil.

Em termos mais específicos, talvez seja mais do que isso: o *hockey* é cultuado como se fora uma ‘religião’:

“That hockey is like a religion in Canada can hardly be in dispute. Those who run the sport speak openly in these terms. As the Western world became more secularized, the sports stadium or arena replicated the church as a place of male communion and worship. One God has become many” (Robinson 1998:57-58).

Até aqui foram apresentados alguns atores que povoaram o cenário etnográfico nas competições esportivas investigadas, numa especificidade de contato mais íntimo com o pesquisador (eu, no caso). Não pretendo tomar tais histórias e trajetórias individuais como modelos representativos a serem generalizados, tampouco trazer à tona ‘verdades’ sobre tais sujeitos em suas relações comigo durante os jogos LGBT. Trato de pensar tais contatos a partir das relações de poder estabelecidas em campo. Pensei, outrossim, em apresentá-los para mostrar como há tensões relacionais entre eles e o objeto de seus desejos, no caso, as práticas esportivas. E, igualmente, entre eles e o pesquisador com quem estabeleceram tais contatos.

Sexualidade em campo: discutindo e pontuando questões

Deliberadamente, minha subjetividade de pesquisador e meus próprios protocolos metodológicos de pesquisa (olhar crítico, efeito de distanciamento, neutralidade científica) foram colocados em relativização perante um universo que me englobou, e ao mesmo tempo, me transformou. Como destaquei não saí o mesmo ao final do processo investigativo e minhas percepções sobre o ‘fazer teórico’ mudaram radicalmente.

No tocante ao meu corpo, literalmente ele não teve como ‘fugir da raia’ - numa boa metáfora esportiva. Quando percebi que havia, por assim dizer, uma demanda que o desejava, resolvi entregá-lo numa espécie de balanceamento de forças. Não só sabemos que a antropologia se erigiu com a imposição de hierarquias (no início, por exemplo, eram os aventureiros *versus* os colonizados, primitivos), como os próprios antropólogos se utilizaram desse discurso para legitimar as relações de saber-poder sobre, inclusive, a sexualidade nativa.⁹

Negar a importância do sexo e a dimensão do prazer no contexto da etnografia seria o mesmo que negar o quão produtivo podem ser tais dimensões na produção de conhecimento. O sexo em minha pesquisa teve um papel de experimentação cultural, principalmente por envolver contatos com outras culturas e modos distintos de explicitação das sexualidades. Porém, tal experiência baseou-se no nível de outras tantas experimentações culturais que nos engloba, como assistir a uma ópera, ou ver um filme estrangeiro, ou ainda participar de um fórum acadêmico internacional (no caso, para nós pesquisadores/as).

Assim, isso coaduna com os escritos foucaultianos sobre a ética como um exercício de alargamento das condições de liberdade (Foucault 2001). Todos tinham acesso ao meu corpo e eu tinha acesso aos corpos deles. Restava saber se nos manteríamos num nível de garimpagem e taxonomização de práticas sócio-sexuais ou se problemataríamos os acontecimentos (e nos problemataríamos) com novos (e ousados) contornos.

A autoridade do pesquisador-antropólogo, ambígua e descentralizada, começou questionada logo de início, não apenas por um campo que se impôs, mas por minha própria postura de não acatar o discurso do hermético, do ‘tem que se assim’ ou do ‘daquilo que não falamos’, ‘aquilo que não fazemos’. Como trago em meus diários:

Hoje foi o pior dia em campo. São quase seis horas da manhã e não consigo dormir. A ‘festa dos atletas’ dessa vez me causou um choque. Como pude vomitar a janta? Por que minha sensação de nojo? Por que não consegui falar com ninguém? [...]. (Diário de campo, julho 2009).

[...] fujo do aglomerado e de Diggler. Tranquei-me no banheiro e me masturbei, mas como forma de expulsar a tensão e me privar, do que por necessidade. Só assim poderia me concentrar para tentar pensar em algo direcionado à pesquisa. Pensamentos difusos, tudo confuso. Não consigo entender a lógica do que lá se passa [...]. (Diário de campo, agosto 2009).

Ambos os meus relatos anteriores são sobre uma festa chamada de *athletes party*, ou festa dos atletas, numa tradução livre, ocasião

de confraternização para sujeitos que circulavam pelos espaços esportivos das competições. Nela se deveria usar *dresscode* (vestimenta obrigatória) segundo o mote da noite e me foi apresentada por um dos interlocutores que se tornou informante principal da pesquisa. Diria que, em tais ocasiões, eu sempre estava sob ‘tensão esquizofrênica’ (Willson 1995) entre a sensualidade do trabalho de campo e as expectativas profissionais da disciplina antropológica. Isso foi se resolvendo com o desenvolvimento da pesquisa.

Há muito tempo a era vitoriana se findou, mas seus ditames ainda imperam, definindo o que é ‘moral’ e o que é ‘imoral’ (Foucault 1985). Particularmente os antropólogos incorporaram um dos piores aspectos deste ‘domínio’ evitando, a qualquer custo, pronunciarem-se sobre aspectos afetivos (e também suas vidas sexuais), quando em pesquisa de campo. Isso fez parte da construção da ciência antropológica, de um discurso ‘sério’ e legitimado não apenas pelos pares, como por parte de outros cientistas, humanistas ou não. Com o passar do tempo e no decorrer da consolidação da Antropologia no mundo, os antropólogos buscavam a ‘objetividade científica’ ao mesmo tempo em que ‘empurravam’ para baixo do tapete os impactos emocionais vividos no encontro com o outro. Ao menos na escrita.¹⁰

Assim como na vida não se controlam os fluxos dos acontecimentos, porque se está sob o império do acaso, na pesquisa científica não é diferente. Por mais que alguns cientistas se iludam com o discurso de ‘controle’, resultados são forçados para aquilo que se quer encaixotar e o ‘aparente’ descontrole pode ser mais produtivo. Propus-me, portanto, descobrir os sujeitos, viver suas vivências, fazer de suas as minhas experiências, entender do que falavam e me deixar – também como ‘cientista’ – ao acaso das leis do universo e dos acontecimentos. Antes de ouvir algo sobre o discurso da regra, defendo que tomemos o reverso da regulação como outra orientação.

Dessa forma, nem indígenas, nem migrantes, nem mulheres, nem travestis, nem *gays*: sempre o campo fora regido pelo silêncio do celibato ou pela vigência da assexualidade. Nos dizeres de Evans-Pritchard:

“o antropólogo do sexo masculino, por não se ajustar às categorias nativas de homem e mulher, e portanto não precisando comportar-se como homem em certas circunstâncias, não está submetido às suspeitas, julgamentos e códigos que definem os sexos. Ele realmente está fora destas categorias, pois está fora da vida social do grupo, por mais que procure identificar-se com ela; é uma pessoa até certo ponto sem sexo” (Evans-Pritchard 1978:308).

Se a Antropologia sofre uma ‘*anthropological turn*’ em meados da década de 1920 – quando Malinowski fantásticamente postula uma racionalidade diferente da suposta pelos antropólogos de gabinete (Malinowski 1976) –, vivemos agora em tempos de *upload*: a descolonização, o fim de paradigmas bipolares, o interpretativismo, entre outros fatores iniciam uma corrosão da antropologia ‘mais tradicional’ para dar lugar a antropologia pós-moderna ou *multi-sited* (Marcus & Cushman 1982), designada como *multissituada*, em português. Com ela vem não apenas o a multissituacionalidade da pesquisa, mas a autoridade do pesquisador-antropólogo como balizador dos fatos é posta em questão e se abrem espaços para outras subjetividades nas interrelações entre pesquisador-pesquisado.

‘Ser gay’ (ou *being gay*, como traz Williams 1996) não me abriu portas, mesmo porque elas estavam abertas a qualquer um interessado no paradoxal e controverso ‘esporte LGBT’: basta se inscrever e pagar para participar dos eventos esportivos. Nem precisei sair do campo com o ‘coração partido’ de promessas não cumpridas por um amor, ressentido com uma ‘ciência régia’, que governava minha vida e meu destino, me impedindo de ficar com o ser amado. Se não prolonguei contatos, não o fiz por ter razões como quaisquer outras para não fazê-lo frente a tantas distintas situações do cotidiano em que dividi com os sujeitos. Apenas penetrei a brecha aberta entre o ‘familiar’ e o ‘exótico’ para compreender o outro, tentando também entender a mim mesmo (Geertz 1989).

Também não fiz trabalho de campo me colocando num cruzamento, se posso assim dizer, de ‘salvação e castigo’, algo muito

‘religioso’ (em sentido geral) para mim. Não caio nessas armadilhas, nem me faço refém delas.¹¹ Muito menos preciso aqui justificar ou enfatizar qualquer aspecto sobre um possível ‘desvio de conduta’ ética e científica em campo, mesmo porque as relações no corpo social (sejam elas de que natureza forem) estiveram permeadas por respeito e reciprocidade nos contatos. ‘Desvios’ não podem ser entendidos como distorções; ‘desvios’ são produtivos e funcionam como empuxo para a potência do produzir, do ver com outras lentes ou mesmo sentir de outra forma; ‘desvios’ deveriam pautar as referências.

Ao contrário do que destaca Murray (1996), que na sua busca por compreender a homossexualidade na América Central fazia sexo propositadamente com seus interlocutores guatemaltecos, em momento algum o envolvimento afetivo-sexual foi decisivo para meu contato com os atletas *gays*, muito menos para a inserção nos distintos grupos a que percorri.

Como já destaquei, a relação *esporte-festa-sexo* é parte das lógicas estruturantes dos eventos esportivos LGBT, seja abertamente endereçada pelos sujeitos ou entendida veladamente como constituinte dos encontros (Camargo & Rial 2011; Camargo 2012 e 2015). Os momentos mencionados anteriormente de intimidade sexual não foram os únicos, mas talvez tenham sido os que foram envoltos por outra finalidade que não o sexo. Digo isso, pois o sexo era um forte elemento de socialização nas competições ou mesmo nas ‘festas de atletas’, rituais festivos frequentados e descritos/analizados por mim em situações sociais específicas vinculadas aos jogos. Estar numa destas festas e não fazer sexo chegava a ser um insulto a ‘tribo’ que me recebia. Demorei em perceber que para entender aquele universo festivo em específico a comunicação verbal quase não adiantava e tive que partir para a ‘comunicação gestual’ do corpo. Entretanto, meu processo de entendimento deste aspecto me custou dores físicas e psíquicas, como já ressaltéi nos registros de campo deste item.

Contudo, qual é a finalidade de trazer tais aspectos (supostamente privados e participantes dos ‘silêncios’ que envolve o campo

antropológico) à tona? Em nome de que vale a pena me expor publicamente? Não há, por suposto, respostas definitivas e fechadas para tais questões. Quis registrar tais aspectos para sublinhar que há necessidade de discussão mais sistemática e pormenorizada sobre as sexualidades dos/as pesquisadores/as em campo e que os investigadores/as sociais (particularmente os/as antropólogos/as) não devem pactuar com o ‘celibato e a assexualidade’ a eles/elas imputados/as, bem como também já destacara um antropólogo carioca (Rojo 2005).

Após ter ‘dormido com nativos’ (Murray 1996) consegui compreender que a prática sexual também é múltipla e é materializada (e mesmo ressignificada) de distintas formas no mesmo contexto cultural – quem dirá em contextos multiculturais vivenciados por mim. E, novamente, parafraseando esse referido autor, percebi que tais sujeitos dividiram comigo não só a cama, mas a percepção sobre a sexualidade do outro. Isto implica em desequilíbrio de poder, impacta visceralmente o sistema de observação participante, redefine a interpretação antropológica – mexendo, igualmente, com o *feeling* antropológico ou o *anthropological blues* (DaMatta 1978) – e redimensionando a produção de saber em Antropologia (e nas Ciências Humanas em geral).

Após ter refletido sobre tal aspecto e acerca de potencial ‘confusão’ oriunda dele, nego-a, pois se reconheço sua existência é porque ela me governa ou já me governou. Tem-se que (ou temos que) ultrapassar tais limites. E é aí, nesse ponto, que se reduzem as chances de reprodução de uma ‘ciência régia’ para dar lugar a uma ‘ciência nômade’, corrosiva, indomada, subversiva.¹²

Ter me relacionado afetiva-sexualmente, mesmo que temporariamente, com dados sujeitos possibilitou-me um redimensionamento do olhar sobre o grupo, sobre mim, sobre suas (nossas) sexualidades, repensando o sexo no meio esportivo e mesmo questionando o que se poderia chamar de ‘encaretamento’ do esporte contemporâneo em prol de um discurso de rendimento atrelado às novas tecnologias – mas esse é um ponto para outra reflexão.

Quis realçar aqui, portanto, uma temática que se impõe como central dentro dos debates acerca da ética e das regulamentações de pesquisa com seres humanos, participe de um marco humanista de práticas de investigação. Acredito que seja nas fronteiras interdisciplinares de várias ciências humanas que temos condições de encarar o desafio desta problematização e, mais ainda, talvez possamos colher frutos das discussões da área de Estudos de Gênero para pensar o trabalho de campo no marco das pesquisas antropológicas.

Notas

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada como comunicação oral na Jornada Internacional 'Trabalho de Campo, Ética e Sexualidades', realizada em setembro de 2013 pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), sob coordenação da profa. Miriam Pillar Grossi, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Agradeço a ela, às/aos professoras/es Camilo Albuquerque de Braz, Fátima Weiss de Jesus, Aline Bonetti e Cláudia Fonseca e ao público presente no evento pelos apontamentos e contribuições na mesa de trabalho 'Campo e Sexualidade'.

² De modos distintos, porém num mesmo sentido, antropólogos/as como Hélio Silva (2007), Don Kulick (1995), Jill Dubisch (1995) e Andrew Killick (1995) já haviam destacado isso.

³ Refiro-me às aventuras narradas no diário de Bronislaw Malinowski (1997), que apesar de recheado de peripécias amorosas e bisbilhotice sobre a vida íntima tribal – como ele, inclusive, menciona textualmente em *A Vida Sexual dos Selvagens* (1983) – não deixa de ser uma percepção centrada na heterossexualidade e na heteronormatividade.

⁴ Loïc Wacquant (2002) faz isso quando ingressa num ginásio para treinar boxe e leva tal treinamento às últimas consequências. Com o mesmo sentido e 'pactuando consigo mesmo', porém pesquisando saunas e videolocadoras pornográficas em Porto Alegre, faz Fernando Pocahy (2011).

⁵ Apesar de terem concordado, originalmente, em serem designados pelas siglas iniciais de seus nomes, resolvi remover as siglas nominais deste artigo para proteger suas identidades. No tocante à da cor da pele, todos se designaram 'brancos' (*white*) e mantive tais autodesignações entre aspas para chamar atenção para a 'racialização' da subjetividade e, dessa forma, salientar a importância de desnaturalizar a própria categoria descritiva e identificatória para uma dimensão em que é percebida como orientadora e formadora de hierarquias/posições políticas entre sujeitos (Butler 1998).

⁶ Ele estava de férias de verão, quando nos conhecemos em julho-agosto de 2010. Logo depois entrou em competição pela Copa Europeia de Snowboard (*Snowboard Europa Cup*), ocorrida desde fins de outubro daquele ano a meados de março de 2011. Os principais países em que competiu foram Itália, Suíça, França, Noruega e

alguns do Leste Europeu. Eu acompanhava os resultados dos *meetings* pela *web*, na página da Federação Internacional de Ski (*Fédération Internationale de Ski – FIS*) e através de seus emails informativos.

⁷ O *snowboard* segue as regras da Federação Internacional de Esqui e foi introduzido na versão de inverno dos Jogos Olímpicos em Nagano, no Japão, em 1998 (Coakley 2007).

⁸ Em tradução livre do original alemão: “Diese attraktive Verbindungen von junglichem Ausdruck und Sport übt auch auf viele schwule Männer einen grobem Reiz aus. Der ‘Skaterboy’ (oder das Klischee des Skaterboys) hat im schwulen Erotikbereich, wie unzählige Seiten und Webcam-Angebote im Netz oder diverse Heftchen zeigen, einen festen Platz”.

⁹ Malinowski (1983) deixa claro isso quando diz que vai tratar das relações sexuais em espectro mais amplo e logo falará dos principais domínios da vida tribal concernentes à mulher e ao homem trobriand.

¹⁰ Alguns antropólogos brasileiros salientam que as intencionalidades e mesmo acontecimentos entre antropólogos em campo só não são registradas em suas publicações, mas se manifestam nas ‘conversas de bar’ entre os pesquisadores (Braz 2007; Rojo 2005).

¹¹ Deixo uma crítica à etnografia de Camilo Braz (2010) por ser um tanto quanto asséptica (e moralmente ética) no tocante à nudez/relações corporais nos bares de sexo entre homens.

¹² Aqui me inspirei das divagações deleuzianas de Paulo R. Ferreira (2008).

Referências

- BRAZ, Camilo A. 2010. *À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- _____. 2007. “Corpo a corpo: reflexões sobre uma etnografia imprópria”. *Revista Artemis*, 7:128-144.
- BUTLER, Judith. 1998. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo’”. *Cadernos Pagu*, 11:11-42.
- CAMARGO, Wagner. 2015. “Circulação do desejo: esporte, corpos atléticos e práticas de sexo”. *Revista Textura (ULBRA)*, 17:110-138.
- _____. 2012. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.
- _____. 2000. *O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- CAMARGO, Wagner & RIAL, Carmen S. 2011. “Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global?” *Revista Estudos Feministas*, 19(3):977-1003.
- COAKLEY, Jay. 2007. *Sports in society: issues & controversies*. New York: McGraw Hill Higher Education.

- DA MATTA, Roberto. 1978. "O Ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues". In NUNES, E. (ed.): *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improvisação e Método na Pesquisa Social*, pp. 23-35. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- DUBISCH, Jill. 1995. "Lovers in the field: sex, dominance, and the female anthropologist". In KULICK, D. & WILLSON, M. (eds.): *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*, pp. 29-50. London: Routledge.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. 1978. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FERREIRA, Paulo R. 2008. *Os afectos malditos: o indizível nas sociedades camponesas*. São Paulo, Hucitec.
- FOUCAULT, Michel. 1985. *História da sexualidade: a vontade de saber I*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. 2001. "L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté". In FOUCAULT, Michel (ed.): *Dits et écrits II, 1976-1988*, pp. 1527-1548. Paris: Gallimard.
- GEERTZ, Clifford. 1989. "Estar alli: la antropología y la escena de la escritura". In GEERTZ, C. (ed.): *El antropologo como autor*, pp. 11-58. Barcelona: Paidós Studio.
- GREGORI, Maria F. 2004. "Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m". In PISCITELLI, A., GREGORI, M. & CARRARA, S. (eds.): *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*, pp. 235-255. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- KILLICK, Andrew P. 1995. "The penetrating intellect: on being white, straight, and male in Korea". In KULICK, D. & WILLSON, M. (eds.): *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*, pp. 76-106. London: Routledge.
- KULICK, Don. 1995. "The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work". In KULICK, D. & WILLSON, M. (eds.): *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*, pp. 1-28. London: Routledge.
- MAGNANI, José G. C. 2012. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49):11-30.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1997. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- _____. 1983. "As relações entre os sexos na vida tribal". In MALINOWSKI, B. (ed.): *A Vida Sexual dos Selvagens do noroeste da Melanésia: a descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica)*, pp. 29-57. Rio de Janeiro: F. Alves.
- _____. 1976. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril.
- MARCUS, George E. 1995. "Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography". *Annual Review Anthropology*, 24:95-117.
- MARCUS, George & CUSHMAN, Dick. 1982. "Ethnographies as texts". *Annual Review Anthropology*, 11:25-69.
- MURRAY, Stephen. 1996. "Male homosexuality in Guatemala: possible insights and certain confusions from sleeping with the natives". In LEWIN, E. & LEAP, W. (eds.): *Out in the field: reflections of lesbian and gay anthropologists*, pp. 236-260. Illinois: University of Illinois.

- POCAHY, Fernando A. 2011. "Entre vapores, pistas e pornô-tapes: dissidências (homo) eróticas nas transas (discursivas) do envelhecimento". Trabalho apresentado no Encontro Nacional Da Associação Brasileira de Psicologia Social, Recife – PE.
- ROBINSON, Laura. 1998. "Analysing the Game: the culture of the hockey arena, inside and out". In ROBINSON, L. (ed.): *Crossing the line: violence and sexual assault in Canada 's national sport*, pp. 56-65. Toronto: M&S.
- ROJO, Luis F. 2005. "Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo". *Cadernos de Campo*, 12:41-56.
- SILVA, Hélio R. 2007. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.
- TROSTDORF, Mathias. 2005. *Skate!: erotische bilder und geschichten*. Berlin: Bruno Gmünder.
- WACQUANT, Loïc. 2002. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- WILLIAMS, Walter. 1996. "Being gay and doing fieldwork". In LEWIN, E. & LEAP, W. (eds.): *Out in the field: reflections of lesbian and gay anthropologists*, pp. 70-85. Illinois: University of Illinois.
- WILLSON, M. 1995. "Perspective and difference: sexualization, the field, and the ethnographer". In KULICK, D. & WILLSON, M. (eds.): *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*, pp. 251-275. London: Routledge.

Abstract: Fieldwork is a key component of the anthropological knowledge production. Despite what it called 'the imponderables of social life' being part of this process, sexual practices in/of the field (or even the researcher' sexualities) remain a large taboo. Thus, this article has a double purpose: first, I intent to rescue my ethnographic experiences at the Gay and Out Games – LGBT competitions (i.e., sport practices among lesbian, gay, bisexual, transsexual and transgenders), experienced by me at different times and places, from 2009 to 2011 – in order to emphasize interpersonal relations with homosexual athletes and to discuss the sexual/homoafective involvement between researcher and interviewers. Secondly, I aim to weave theoretical considerations more circumscribed about the research sexuality in the fieldwork during ethnographic experiences, in order to remark a discussion not largely emphasized in anthropological research.

Keywords: Sex/sexuality in the field; Intersubjective relations; Anthropological research; Anthropological authority; LGBT sports.

Recebido em agosto de 2015.

Aprovado em janeiro de 2016.